

Idealismo e materialismo: matrizes filosóficas do pensamento educacional*

RESUMO

Existem, apesar de inúmeras controvérsias, duas grandes matrizes teórico-filosóficas que orientam a concepção de educação escolar ao longo dos séculos e todos os aspectos que lhe dizem respeito: o idealismo e o materialismo. Cada uma dessas correntes filosóficas teve vários desdobramentos e consequências diversas no fazer docente e, sobretudo, na aprendizagem dos estudantes. Logo, o objetivo do presente texto é resgatar tais concepções nas suas origens a fim de contribuir com a prática pedagógica consciente e que realmente contribua com a qualidade da escola pública e com elevação cultural da classe trabalhadora.

PALAVRAS-CHAVE: Materialismo. Idealismo. Educação escolar.

Zinara Marcet de Andrade

zinara1@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Armenes de Jesus Ramos Junior

jarmenes3@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

INTRODUÇÃO

Não há questionamentos quanto a importância e a necessidade da educação escolar no contexto sócio-histórico. Entretanto, há diferentes compreensões do que deva ser o processo de educação escolar, com suas respectivas práticas pedagógicas. Assim, conseqüentemente, muitas das diversas atividades realizadas no interior das escolas por nossos docentes, apesar de bem intencionadas, não têm o resultado esperado. Este fato, sem dúvida, ocorre em grande parte pela inconsistência teórica na formação acadêmica docente contemporânea, lacuna não específica desta categoria profissional, mas que ocorre em quase todas as áreas de conhecimento, constituindo, inclusive, uma das características do presente contexto histórico.

Logo, se queremos realmente compreender qual a concepção pedagógica que melhor pode contribuir com a qualidade da escola pública e com o desenvolvimento integral da classe trabalhadora, precisamos ter clareza qual concepção de mundo subsidia o nosso intento.

Apesar de algumas discordâncias acerca da necessidade do conhecimento teórico-filosófico, é inegável que diferentes concepções levam a diferentes compreensões, a diferentes práticas pedagógicas e, principalmente, a diferentes construções de indivíduos quer do ponto de vista pessoal, quer do ponto de vista profissional.

Assim, na primeira parte do texto resgatamos as origens do idealismo e do materialismo. Na sequência, apresentamos uma breve análise dos reflexos destas nas concepções educacionais. Esperamos, desta forma, contribuir com a categoria docente e com a educação da classe trabalhadora.

AS ORIGENS DO IDEALISMO E MATERIALISMO PRESENTES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A maneira como o conhecimento foi produzido ao longo da sua existência está ligada à produção das suas condições de existência desde a aurora da humanidade, embora isso não seja claro para a maioria da população.

Para entender este aspecto, podemos iniciar pelo entendimento de que o conhecimento, enquanto aspecto inerente ao processo educacional, é uma prática social presente entre os seres humanos desde as épocas mais remotas. Pois, transmitir a cultura e os conhecimentos acumulados sempre consistiu em estratégias para garantir a própria sobrevivência da nossa espécie perante as adversidades. Além disso, o ser humano sempre procurou conhecer os fenômenos da natureza e sobre sua existência e, paulatinamente, acumulou conhecimentos de várias ordens.

Nesse longo percurso, na aurora da humanidade, cabia aos adultos transmitir o que sabiam e podiam aos mais jovens e às crianças durante os afazeres da vida cotidiana, ou seja, pelas atividades que hoje denominamos "trabalho". Essas atividades, práticas necessárias para a sobrevivência, eram divididas de acordo com as possibilidades de cada um dos membros de um grupo. Todos precisavam contribuir com a coletividade, todos trabalhavam e repassavam os conhecimentos aos outros membros da coletividade, principalmente aos mais novos.

Somente muitos milênios mais tarde, à medida que ocorreu a evolução das sociedades para uma condição de maior complexidade econômica, as atividades necessárias para a sobrevivência foram estabelecidas a partir de outro critério, isto é, o da propriedade privada. A partir de então, foram criados grupos distintos de indivíduos: os que exerciam atividades de controle e os que exerciam atividades "braçais". A transmissão de conhecimento, conseqüentemente, passou a ser diferenciada para as pessoas de um mesmo coletivo. Ou seja, enquanto a maioria desprovida de propriedade continuava a ser ensinada e aprender pelo trabalho, a minoria, que detinha posses, tinha mestres para o ensino e aprendia em lugares que garantissem um conhecimento sistematizado. Assim, somente os que não precisavam se dedicar às atividades braçais, que garantiam a sobrevivência e o sustento da coletividade, podiam frequentar a "escola", lugar de ócio.

Sob tal cenário, o processo educacional era bastante diferente do que conhecemos e, de acordo com registros históricos, essa é uma característica da educação ocidental cujas raízes estão na cultura grega, uma das civilizações mais antigas, datada de cinco a seis séculos antes de nossa era (GAUTHIER; TARDIF, 2014).

A literatura acerca dessa herança cultural grega nos conta que ela foi constituída em duas principais cidades, Esparta e Atenas, cada uma com suas características. A primeira destacou-se por sua preocupação militar, motivo pelo qual "[...] o homem devia ser o resultado de culto ao corpo" (GADOTTI, 1994, p. 29). A segunda, Atenas, consagrou-se pelas questões políticas e pelo empenho na educação clássica e humanista, razão pela qual Atenas transformou-se no centro irradiador da cultura grega:

Segundo o historiador grego Tucídes (século Va.C.), Atenas foi "a escola de toda a Grécia". De fato, a concepção ateniense de Estado fez surgir a figura do cidadão da pólis. Ao lado dos cuidados com a educação física, destacava-se a formação intelectual, para que melhor pudesse participar dos destinos da cidade. (ARANHA, 2006, p. 64).

Desse legado grego, com grandes contribuições atenienses, que influencia até hoje a nossa compreensão de educação e escola, destacam-se os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles com diferentes visões de mundo e de construção de conhecimento, precursores de correntes filosóficas chamadas idealistas e materialistas.

Em ordem cronológica¹, o primeiro desses filósofos, mas que até hoje influenciam a nossa concepção de educação, foi Sócrates (470-399 a.C), para o qual a primeira obrigação de todos os seres humanos era de conhecer a si mesmo. Para ele, esse conhecimento deveria ser buscado junto à consciência porque nesta seria possível encontrar os elementos determinantes da finalidade da vida e da educação (PILETTI; PILETTI, 1988, p. 64). Contudo, isso não seria possível por meio de meras opiniões dos indivíduos, mas pela apropriação das ideias de valor universal. Para tanto, cada indivíduo deveria ser educado e o ato educativo deveria ocorrer de forma dialogada entre o mestre e o aprendiz. Logo, o conhecimento para Sócrates era alcançado por meio da racionalidade, aspecto que para ele consistia na grande diferenciação entre os seres humanos e os animais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2011).

Sócrates foi condenado à morte por considerarem suas ideias subversivas aos jovens uma vez que questionava as verdades e os saberes tradicionais (CHAUÍ,

1994). Seu discípulo mais ilustre foi Platão que o imortalizou em vários de seus escritos.

Platão (428-348 a.C) foi bem além de Sócrates, mas tal como seu mestre, acreditava que o verdadeiro conhecimento, a episteme (ciência), é alcançado quando a razão ultrapassa o mundo sensível e atinge o mundo das ideias. Para ele, os seres humanos possuíam um corpo mortal e um imortal, a psique, a alma, da qual provém todos os verdadeiros conhecimentos dos fenômenos. Acreditava que a psique se assemelhava ao que é divino, portanto imortal, a qual nos habilitava para obter a capacidade de pensar e alcançar as verdades.

Embora Sócrates também acreditasse que o verdadeiro saber estava na ideia, Platão foi o primeiro filósofo a sistematizar uma concepção idealista, pois “[...] supunha a existência de dois mundos: o mundo das ideias, entendidas como invisíveis, eternas, incorpóreas, mas reais, e o mundo das coisas sensíveis, o mundo dos objetos e dos corpos carnis.” (ANDERY et al., 1988, p. 73). Além disso, para Platão o verdadeiro conhecimento era eterno, ou seja, após a morte do indivíduo o conhecimento permanecia no mundo dos homens e poderia ser alcançado por outros membros da comunidade.

Platão preocupou-se também com o processo de educação, pois o educador deveria promover no educando o processo de interiorização, necessário para se chegar aos conhecimentos. Porém, conforme esclarecido por Aranha (1989), para Platão as pessoas possuíam psiques diferenciadas, critério que definia o devido lugar de cada cidadão na sociedade grega. Para ele, os que homens livres deveriam receber a mesma educação até os vinte anos e receber educação diferenciada de acordo com sua psique. Para os indivíduos com psique de bronze, de sensibilidade tosca, a educação não deveria ir para além dos vinte anos, pois estes teriam condições apenas de exercer atividades braçais e seriam os responsáveis pelo comércio, agricultura, artesanato e outros trabalhos que garantissem a subsistência da cidade. Já os indivíduos com psique de prata deveriam estudar por mais 10 anos e seriam os guerreiros do Estado, responsáveis pela defesa da cidade. Os de psique de ouro, mais capazes que os demais, deveriam ser instruídos na arte de dialogar, recebendo ensinamentos de filosofia para alcançarem o verdadeiro conhecimento e os que mais se destacavam tinham o privilégio do exercício do poder (ARANHA, 1989). Dessa forma de Platão entender o mundo, bem como a própria compreensão de conhecimento, vem a expressão "platônico", para se referir a algo que existe apenas na psique, na alma, enfim, no mundo das ideias.

Dessa compreensão de conhecimento nasceu o idealismo para o qual as ideias contêm a essência da realidade. Dela derivam várias correntes filosóficas, inclusive educacionais, como veremos adiante. Contudo, inquestionavelmente, o grande mérito de Platão foi buscar compreender os fenômenos naturais e sociais para além das explicações mitológicas usuais de sua época.

Continuando nossa exposição sobre os principais filósofos gregos que influenciaram as concepções de educação, temos Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão. Ao contrário de seu mestre, Aristóteles entendia que o conhecimento provinha do mundo real e que a educação não era um ato de buscar o conhecimento existente na psique. Assim, desenvolveu uma teoria realista, a para a qual as devidas explicações dos fenômenos devem ser buscadas em si e não por meio de contemplação.

Aristóteles desenvolveu sua visão de educação tendo por base a observação da vida dos animais, cujos filhotes imitavam seus progenitores. Porém, percebia que nos seres humanos não se tratava apenas de mera imitação, mas sim de um processo no qual o homem se educava na medida em que copiava a forma de vida dos adultos. A educação deveria ser um processo no qual: "O mestre deve, em primeiro lugar, expor a matéria do conhecimento. Em seguida tem de cuidar que se imprima ou retenha o exposto na mente do aluno. Por fim, tem de buscar que o educando relacione as diversas representações mediante o exercício". (PILETTI; PILETTI, 1988, p. 66).

Portanto, apesar das limitações de seu tempo, Aristóteles compreendia que o conhecimento deveria ser buscado a partir do mundo real e não do mundo das ideias, motivo pelo qual buscava observar e classificar os elementos que estudava, sendo um dos precursores da ciência que conhecemos hoje. Para evitar o erro de pensamento, elaborou regras universais a serem seguidas, cujo conjunto recebeu o nome de lógica, com seus elementos mais significativos: conceito, categoria, sentença, conclusão, prova, indução (STÖRIG, 2009, p. 148). Além disso, escreveu sobre ciência e a natureza, metafísica, ética, política, literatura e retórica.

Dentre os aspectos importantes nos ensinamentos de Aristóteles está a compreensão de movimento como algo que supera a mudança de localização de um objeto, entendendo-o como a capacidade de modificação qualitativa. Por exemplo, a aquisição da leitura modifica o ser humano. Os inúmeros e complexos ensinamentos de Aristóteles foram e são até hoje importantes, mas por muito tempo foram desprezados e até mesmo ocultados, principalmente durante a Idade Média. Este período histórico da humanidade tem como uma de suas características principais a dominação dos dogmas religiosos para os quais todas as verdades estavam nas escrituras sagradas.

A percepção de conhecimento como construção com base na realidade existente iniciada por Aristóteles foi apenas o início. O seu aperfeiçoamento nos possibilitou uma teoria de construção de conhecimento: o materialismo dialético.

Feita esta primeira breve abordagem acerca do surgimento do "idealismo e materialismo", na próxima seção buscamos destacar as influências destas concepções na educação.

O IDEALISMO E O MATERIALISMO NAS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS

A educação como prática social inerente aos seres humanos não é neutra e nem independente de outros aspectos que fazem parte da existência humana. Cada abordagem educacional, cada teoria pedagógica, carrega um longo acúmulo histórico. A incompreensão desses aspectos pode gerar reflexos negativos no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Nesse sentido, é essencial ter clareza da existência das duas principais raízes filosóficas que norteiam a compreensão de mundo e de educação, o "idealismo" e o "materialismo", para compreender seus reflexos.

Nessa perspectiva, o primeiro aspecto a considerar é a mais antiga forma de compreensão de mundo, o idealismo, cujo pressuposto reside no reconhecimento do papel ativo, decisivo, das ideias e da consciência humana na história (LESSA; TONET, 2011, p. 37). Nessa vertente, o pensamento e as ideias são os responsáveis pela existência de todos os artefatos elaborados pela humanidade, sejam objetos

ou serviços, palpáveis ou não². Essa visão de mundo está presente em nossos dias e prepondera. Isso ocorre por três motivos. Primeiro porque nem sempre a aparência do fenômeno condiz com a sua essência:

O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. (KOSIK, 1976, p. 11).

Segundo, por interesses da classe dominante, pois:

A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX, 1998, p. 48).

Terceiro, porque apreender a realidade requer dispêndios de recursos, o que não interessa à atual organização social, preocupada apenas em preparar os indivíduos como força de trabalho:

A fim de modificar a natureza humana, de modo que alcance habilidade e destreza em determinada espécie de trabalho, e se torne força de trabalho desenvolvida e específica, é mister educação ou treino que custa uma soma maior ou menor de valores em mercadorias. Esta soma varia de acordo com o nível de qualificação da força de trabalho. Os custos de aprendizagem, ínfimos para a força de trabalho comum, entram portanto no total dos valores despendidos para a sua produção. (MARX, 1975, p. 192).

Logo, na especificidade da educação, podemos afirmar que as concepções pedagógicas de base idealista criam modelos sem a imprescindível análise do contexto sócio-histórico. Dentre essas concepções educacionais idealistas vigentes, de acordo com o professor Duarte (2001), predominam as "pedagogias do aprender a aprender"³, por entenderem o processo educacional como um processo individual, contínuo e de responsabilidade pessoal. Para tais pedagogias, a principal função escola deixou de ser ensinar os conteúdos clássicos: "As pedagogias centradas no lema "aprender a aprender" são antes de mais nada pedagogias que retiram da escola a tarefa de transmissão e assimilação do conhecimento objetivo, a tarefa de possibilitar aos educandos o acesso à verdade" (DUARTE, 2004, p. 5).

Logo, para esta corrente filosófica, o professor não deve ensinar, mas conduzir o processo de aprendizagem no qual o aprendente desenvolverá por interesse e curiosidade. Segundo César Cool, um dos teóricos renomados da pós-modernidade a se posicionar favoravelmente ao "aprender a aprender"⁴:

Numa perspectiva construtivista, a finalidade última da intervenção pedagógica é contribuir para que o aluno desenvolva a capacidade de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e circunstâncias, que o aluno "aprenda a aprender". (COLL, 1994, p. 136).

Ainda sobre as teorias pedagógicas com base na concepção idealista, não poderíamos deixar de abordar a Teoria das Competências. Esta teoria se consagrou a partir da última década do século XX, com a finalidade de ajustar a educação às necessidades da nova forma de organização e gestão do trabalho, cada vez mais automatizada e flexibilizada:

A competência é uma noção oriunda do discurso empresarial nos últimos dez anos e retomada em seguida por economistas e sociólogos na França. Noção ainda bastante imprecisa, se comparada ao conceito de qualificação, um dos conceitos-chaves da sociologia do trabalho francesa desde os seus

primórdios; noção marcada pela política e ideologicamente por sua origem, e da qual está totalmente ausente a ideia de relação social que define o conceito de qualificação para alguns autores (HIRATA, 1994, p. 32).

Tal como Silva (2008), entendemos esta teoria como pertencente ao ramo das idealistas por tal: “[...] deixar de lado a relação de poder, cultura e competência, entre os significados e as estruturas eu os significados tornam possíveis. A democracia das teorias da competência é uma democracia separada da sociedade” (SILVA, 2008, p. 17). Sob esse prisma, a educação é condição suficiente para resolver os problemas sociais. De acordo com o relatório Jaques Delors, documento resultante da Conferência Mundial de Educação em 1990, cujas resoluções reconfiguraram o “aprender a aprender”:

Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social. [...] Não como um remédio milagroso, não como um abre-te-sésamo de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras (DELORS, 2006, p. 11).

Portanto, estas concepções idealistas, por estarem descoladas da realidade, enxergam o processo educacional como prática transformadora, capaz de, por si, alterar o atual mundo excludente, violento, sangrento, corrupto, competitivo, numa sociedade mais digna, fraterna, com igualdade de condições para todos, pois não percebem a educação como reflexo das condições de vida (sociais, políticos, econômicos) em determinado contexto social e histórico. Porém, o aspecto mais grave do “aprender a aprender” reside no fato de retirar “[...] da escola a tarefa de transmissão do conhecimento objetivo, a tarefa de possibilitar aos educandos o acesso à verdade” (DUARTE, 2004, p. 5).

Cabe aqui destacar que as escolas, nas suas condições de instituições de ensino formal, são as únicas possibilidades de acesso ao conhecimento elaborado e acumulado para expressiva parcela da população, pois, inegavelmente, o custo com o processo de formação humana numa perspectiva da integralidade é elevada demais para a maioria dos brasileiros. Mesmo uma família de classe média não teria condições de contratar mestres e uma vasta gama de materiais didáticos modernos e atualizados das áreas básicas de conhecimento: arte, filosofia, matemática, língua portuguesa, física, química, história, geografia, sociologia e línguas estrangeiras modernas.

Com relação ao ramo “materialista”, ao contrário do idealismo, todo o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade ocorre a partir das atividades práticas em razão das necessidades de organização da própria existência. Esta atividade prática é o trabalho, aspecto que permitiu à humanidade acumular conhecimentos, desenvolver ciência, tecnologia e, dessa forma, humanizar-se.

Assim, é preciso analisar todos os fenômenos naturais e sociais com base numa concepção e num método que nos permita compreendê-los para além das suas aparências imediatas que nos confundem e não nos ajudam a vencer as adversidades. Esse método é o da ciência, o qual nos leva a compreender e elaborar conceitos e teorias:

O conceito da coisa é compreensão da coisa, e compreender a coisa significa conhecer-lhe a estrutura. [...] O conhecimento se realiza como separação do fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua coerência interna, e com isso, o caráter específico da coisa. Neste processo, o secundário não é deixado de lado como irreal ou menos real, mas revela seu caráter fenomênico ou secundário mediante a demonstração de sua verdade na essência da coisa. (KOSIK, 1976, p. 14).

Logo, as teorias elaboradas a partir do materialismo contribuem com o avanço social da humanidade, pois percebem que a realidade é uma síntese de múltiplas determinações, reconhecendo quais são as necessárias modificações. Nessa perspectiva, a educação é entendida em movimento constante e plena de contradições. Tal como afirmado por Mészáros, "poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados". (MÉSZÁROS, 2005, p. 25).

Da concepção materialista, também surgiram teorias pedagógicas que tentam explicar a educação escolar para além dos muros das escolas, são chamadas teorias críticas da educação⁴. Algumas destas teorias entendem que a escola conduz necessariamente às condições sociais existentes, ou seja, a educação é sempre reprodutora dos interesses dos dominadores e, por isso, a escola, mesmo que involuntariamente, sempre contribui para a continuidade da sociedade excludente, plena de injustiças e exploração. Para essas teorias a educação escolar nada pode fazer para que os indivíduos percebam suas condições de explorados e mudem o rumo da história.

Porém, foi a partir dessas teorias de cunho crítico-reprodutivistas, ao final dos anos 70, início dos anos 80 do século XX, que surgiu a pedagogia histórico-crítica. Tal teoria aponta a impossibilidade da escola de transformar o mundo, ao mesmo tempo em que indica o papel preponderante da escola em levar o saber sistematizado e acumulado aos indivíduos. Desta forma, ao se apropriarem dos fundamentos das diversas áreas do conhecimento, os indivíduos percebem que podem atuar decisivamente em prol de outra forma de organização social, de outra escola e de outra possibilidade de existência.

A partir dessa pedagogia histórico-crítica, que concorda com a existência predominante de interesses de classe na educação, mas não com a sua impossibilidade de contribuir na construção de uma escola de interesse da classe trabalhadora, foram realizadas pesquisas e estudos. Tais estudos tinham como finalidade verificar em que medida a educação poderia trazer luzes para que a classe oprimida se reconheça como tal e utilize o próprio conhecimento como arma para a sua elevação cultural. Além da pedagogia histórico-crítica, cujo principal teórico é Saviani, há também a psicologia sócio histórica, representada por Vigotsky, para a qual o desenvolvimento intelectual também diretamente ligado às condições materiais de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, é possível afirmar que o processo educacional é reflexo de uma concepção de mundo de origem numa vertente idealista ou materialista. Vimos também que apesar do idealismo ter sido a primeira concepção filosófica, após

tantos séculos, ela ainda predomina nas correntes pedagógicas brasileiras não por acaso, mas por interesses de classe.

Nessa vertente idealista, a educação é tida como transformadora do mundo, pois desconsidera que é o desenvolvimento social, promovido pelo trabalho, categoria fundante do ser-humano, que torna possível a melhoria da educação, assim como da saúde e todos os demais aspectos da existência humana.

Do materialismo de Aristóteles, chegamos ao materialismo dialético para o qual a transformação da realidade requer conhecê-la cientificamente, ou seja, nos seus detalhes. Isto porque os aspectos da realidade nem sempre são captáveis a partir dos sentidos, exigindo esforço intelectual para abstrairmos e, desta forma, construirmos conhecimentos que ajudem a melhorar o nosso processo de humanização. Os fundamentos desse materialismo estão tanto na pedagogia histórico-crítica, como na psicologia histórico-cultural.

Entretanto, a concepção filosófica materialista dialética há muito é alvo de críticas destrutivas, pois ao possibilitar o entendimento do funcionamento da organização social em que estamos inseridos, coloca em risco a existência de interesses de grupos particulares, cujo discurso dominante deixa a impressão de representarem os interesses de todos. Do mesmo mal padecem a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural.

Compreendidas as diferenças entre o idealismo e o materialismo, estará assim dado o primeiro passo para entendermos os motivos pelos quais os problemas educacionais relevantes não podem ser resolvidos no interior das escolas, pela boa vontade dos professores e gestores da educação. Com isto queremos afirmar que tais problemas são frutos das contradições que regem a lógica de reprodução material existente. Isso não quer dizer que nós estamos de braços atados, muito pelo contrário, pois quando conhecemos uma dada realidade, temos como não nos deixar enganar e saber quais as atitudes mais acertadas para que a nossa prática pedagógica realmente faça diferença para aqueles que têm a escola como o único local para se apropriar do saber elaborado a fim de conquistar as condições para uma existência digna e respeitosa.

Idealism and materialism: philosophical matrices of educational thought

ABSTRACT

There are, despite numerous controversies, two great theoretical-philosophical matrices that guide the conception of school education throughout the centuries and all aspects that concern it: idealism and materialism. Each of these philosophical currents has had several ramifications and consequences for teaching and, above all, student learning. Therefore, the purpose of the present text is to rescue these conceptions in their origins in order to contribute to the conscious pedagogical practice and that really contributes to the quality of the public school and to the cultural elevation of the working class.

KEYWORDS: Materialism. Idealism. Schooling.

Idealismo y materialismo: matrices filosóficas del pensamiento educativo

RESUMEN

Existen, a pesar de innumerables controversias, dos grandes matrices teórico-filosóficas que orientan la concepción de la educación escolar a lo largo de los siglos y todos los aspectos que le conciernen: el idealismo y el materialismo. Cada una de estas corrientes filosóficas tuvo varios desdoblamientos y consecuencias diversas en el hacer docente y, sobre todo, en el aprendizaje de los estudiantes. Por lo tanto, el objetivo del presente texto es rescatar tales concepciones en sus orígenes a fin de contribuir con la práctica pedagógica consciente y que realmente contribuya con la calidad de la escuela pública y con elevación cultural de la clase trabajadora.

PALABRAS-CLAVE: Materialismo. Idealismo. Educación escolar.

NOTAS

* A versão original deste texto foi apresentada no VIII EBEM – Estudos Brasileiros Marxistas “Capitalismo, Luta de Classes, Educação e Revolução: o legado do bicentenário de Karl Marx” na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, câmpus Cascavel, em maio de 2018. Todavia, para esta publicação foi acrescido de algumas citações.

1 Segundo Marilena Chauí (1994), a história da filosofia grega se divide em Período Pré-Socrático ou Cosmológico (VII a V a.C.), Período Socrático ou Antropológico (V a IV a.C), Período Sistemático, (final IV ao final III a.C), Período Helenístico ou Greco_Romano final III a.C ao VI d.C).

2 Do vocábulo ideia, surgiram vários outros, dentre eles o "ideologia", o qual teve sua socialização a partir de uma escola filosófica francesa do final do século XVIII para a qual existe uma ciência das ideias (SILVA, 2005). Porém, foi Karl Marx quem transformou o significado do termo ao considerar que a expressão ideologia não designa apenas uma teoria explicativa, mas uma teoria que traduz uma outra dimensão, isto é, faz com que o interesse particular ganhe ares de interesse geral, sendo aceito por todos, inclusive por aqueles que são prejudicados com tais ideias. Na educação, expressiva gama de professores reconhece o termo ideologia como algo falso, ou seja, não condizente com a realidade.

3 Segundo Newton Duarte as principais pedagogias com base no "aprender a aprender" seriam a o construtivismo, a pedagogia do professor reflexivo, a pedagogia das competências, a pedagogia dos projetos e a pedagogia multiculturalista. O autor nos alerta para o fato de que na contemporaneidade há um revigoramento das concepções com base no aprender a aprender, pois agora constitui uma proposta pedagógica inerente ao neoliberalismo.

4 Correspondem às teorias pedagógicas progressistas na classificação do professor José Libâneo.

REFERÊNCIAS

ANDERY et al. **Para compreender a ciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARANHA. **História da educação e da pedagogia**. Geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

COLL, C. S. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

DELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DUARTE, N. **Vigostky e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

GAUTIER, C.; TARDIF, M. **A pedagogia teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2013.

GATOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

HIRATA, H. Da polarização ao modelo de competências. In: FERRETI, C., ZIBAS, D. M. L.; MADEIRA, F. R.; FRANCO, M. L. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

MARX, K. **O Capital**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. Livro 1.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **Filosofia e História da Educação**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, M. R. **Currículos e Competências a formação administrada**. São Paulo: Cortez, 2008.

STÖRIG, H. J. **História Geral da Filosofia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebido: 15 mar. 2019.

Aprovado: 22 abr. 2019.

DOI: 10.3895/rtr.v3n2.9998

Como citar: ANDRADE, Z. M.; RAMOS JUNIOR, A. J. Idealismo e materialismo: matrizes filosóficas do pensamento educacional. **R. Transmutare**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 212-225, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Zinara Marcet de Andrade

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

